

**NA TRILHA DA VIOLA BRANCA:
ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS E TÉCNICO-MUSICAIS DO SEU
USO NO FANDANGO DE IGUAPE E CANANÉIA,
LITORAL SUL DO ESTADO DE SÃO PAULO**

Cintia Bisconsin Ferrero
bisconsin@ig.com.br
Instituto de Artes da Unesp, campus de São Paulo

Resumo

O projeto se constitui de um estudo detalhado da viola branca – instrumento presente no principalmente no fandango do litoral Sul do país -, nas localidades de Iguape e Cananéia, litoral Sul do Estado de São Paulo. A pesquisa se dará por meio de uma etnomusicografia, abordando aspectos sócio-culturais que envolvem seu uso no fandango e técnico-musicais, incluindo também explorações das possibilidades técnicas de execução do instrumento, além daquelas já conhecidas e praticadas na região, gerando um material técnico-bibliográfico acompanhado de CD áudio ilustrativo.

Palavras-chave: viola branca, fandango, cultura caiçara.

Abstract

The project is a detailed study of the “viola branca” – instrument especially used in the “fandango” of the Brazilian south coast -, in the towns of Iguape and Cananéia, south coast of São Paulo State. The research is developed by means of a etnomusicography, approaching sociocultural aspects that involve its use in the “fandango” and technician-musical aspects, also including explorations of the technical possibilities to execute the instrument, beyond those already known and practised in the region, generating a technician-bibliographical material that comes with an audio-illustrative CD.

O fandango¹ do litoral Sul do Estado de São Paulo vem perdendo a constância de sua prática nas últimas décadas. O foco dessa *função popular*² na região se encontra nas locali-

¹ Fandango é um folguedo ou “*função popular*” (CORRÊA, 2002: 104) verificado principalmente no Sul do Brasil. Segundo Nazir Bittar, no Nordeste do país, Estados de Sergipe, Alagoas, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte há no período do ciclo natalino um auto de cunho religioso que possui vários nomes, variando conforme o local onde ele se apresenta: “*Chegança, chegança de marujos, marujada, barca e fandango batizam este auto*” (BITTAR, 2003: 15). No Sul do país, especialmente em Iguape, Cananéia (Estado de São Paulo) e no Estado do Paraná, o fandango não possui cunho religioso. É um baile dançado com tamancos de madeira, acompanhado por duas violas brancas (conhecida tam-

dades de Iguape e Cananéia, que devido a vários fatores como a criação de uma reserva ambiental de proteção integral, a influência de grupos religiosos e a busca de novos meios de vida levaram-na quase ao desaparecimento.

A criação da Estação Ecológica Juréia-Itatins/SP modificou drasticamente a vida dos moradores da região, influenciando diretamente na tradição cultural das comunidades caiçaras, por contraditório que possa parecer. Segundo Márcia Nunes, em dissertação de mestrado (2003), quando se delimita áreas de conservação cria-se novas fronteiras sob territórios já existentes. “Estas novas fronteiras desrespeitam os vínculos de identidade cultural-mítica-simbólica que une a população pré-existente nessas áreas” (Nunes, 2003: VI).

A Estação Ecológica Juréia-Itatins é uma área de preservação ambiental considerada Unidade de Conservação de Proteção Integral. “Trata-se de uma categoria que não permite a existência de moradores e uso no interior de seus limites, sendo seu principal objetivo a preservação da natureza, admitindo-se apenas o uso indireto de seus recursos naturais”. (NUNES, 2003: VI).

Diante deste fato, muitas famílias viram-se obrigadas a abandonar a região. Algumas simplesmente se mudaram para bairros próximos, outras, para cidades próximas, como Peruíbe (litoral Sul do Estado de São Paulo) e Paranaguá (litoral do Estado do Paraná). Juntamente com o deslocamento desses caiçaras houve o desmembramento da cultura local e descontinuidade na prática do fandango.

As famílias que permaneceram nas localidades investigadas organizaram-se em associações de resgate da tradição caiçara ou grupos de fandango, com o objetivo de manter a cultura local. A associação que mais se destaca em Iguape é a *Associação Jovens da Juréia - AJJ*, com o apoio do Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras (NUPAUB) da Usp, coordenado por Antônio Carlos Diegues. Há mais de cinco anos, a associação desenvolve projetos para a manutenção da tradição cultural caiçara e da prática do fandango:

“No meio da Mata Atlântica do litoral Sul do Estado de São Paulo, na Estação Ecológica Juréia Itatins (EEJI), foi criada a Escola Caiçara da Juréia. Idealizada por moradores e pela Associação Jovens da Juréia (AJJ) a escola nasce da busca por

bém por viola de fandango), adufe (ou pandeiro) e rabeca, onde os violeiros, além de tocarem seus instrumentos, cantam. Possui vários ritmos que se dividem em 2 grandes grupos: valsados e rufados (ou sapateados).

² “*Funções Populares são manifestações culturais de um grupo, ou comunidade, onde seus membros se reúnem para atividade conjunta, no contexto específico de um evento: uma festa, uma comemoração, uma devoção, um mutirão, uma data religiosa. Geralmente envolve ritual com música e dança. Nas regiões visitadas as funções mais expressivas são as folias e o fandango*”. (CORRÊA, 2002: 104).

garantir o direito à educação de crianças, jovens e adultos da região e evitar o abandono de seus locais de origem em busca de estudo e trabalho.

(...) Nesse sentido, a escola tem reunido moradores e ex-moradores para troca de saberes relacionados à pesca, agricultura, extrativismo, arte, culinária, cura, dança, jeito de falar, música e religião”. (DIAS, julho/set 2003).

A **viola branca**, que pretendemos estudar de modo mais detido, é instrumento típico no litoral Sul brasileiro, tradicionalmente utilizada no fandango. Ela guarda mais diferenças do que semelhanças com a viola caipira, desde sua construção e afinação até sua técnica de execução. Pouco se sabe sobre a viola branca, pois ao contrário do que acontece com a viola caipira, não encontramos até o momento registros de estudos específicos sobre este instrumento peculiar, provavelmente uma reminiscência do séc. XVI. Encontramos nada mais que citações sobre sua existência em trabalhos sobre a viola caipira:

“No litoral paulista, foram encontradas violas com sete cordas (dois pares e três singelas), nove cordas (quatro pares e uma singela), e dez cordas (cinco pares), todas mantendo as cinco ordens de cordas”. (CORRÊA, 1989:16).

“A viola que mais se diferencia é a viola beiroa, pois, além do cravelhal normal, com dez cravelhas – onde as cordas são esticadas – apresenta outro pequeno cravelhal, ao lado da caixa de ressonância, em cima do braço, com duas cravelhas. No litoral Sul do Estado de São Paulo e no litoral do Paraná, encontram-se, ainda hoje, violas também com este pequeno cravelhal ao lado da caixa de ressonância, mas com apenas uma cravelha”. (CORRÊA, 2000: 22).

Acreditamos que o deslocamento da população provocado pela instalação deste tipo de reserva ambiental tenha afetado diretamente a prática do fandango e conseqüentemente a construção e a execução da viola branca, já que o instrumento tem estreita relação com esta função popular.

Neste sentido, e tendo em vista a escassez de trabalhos científicos e fontes bibliográficas sobre o instrumento, parte do trabalho estará voltada ao registro (documentação) de seus aspectos técnico-musicais, já que este é um instrumento pouco conhecido e difundido fora das comunidades em que aparece. Sabemos que dentro do espectro etnomusicológico é de fundamental importância analisar sua performance dentro de seu contexto sócio-cultural:

“Música é definida por Merriam como um meio de interação social, produzida por especialistas (produtores) para outras pessoas (receptores); o fazer musical é um comportamento aprendido, através do qual sons são organizados, possibilitando uma forma simbólica de comunicação na inter-relação entre indivíduo e grupo.

(...) Merriam caracterizou a pesquisa etnomusicológica como ‘the study of music in culture’ para, na década seguinte, acentuar ainda mais o paradigma cultural, definindo a área de pesquisa como ‘the study of music as culture’ (MERRIAM, 1964 e 1977)”. (PINTO, 2001: 224-225).

“A etnografia da performance musical marca a passagem de uma análise das estruturas sonoras à análise do processo musical e suas especificidades. Abre mão do enfoque sobre a música enquanto ‘produto’ para adotar um conceito mais abrangente, em que a música atua como ‘processo’ de significado social, capaz de gerar estruturas que vão além dos seus aspectos sonoros. Assim o estudo etnomusicológico da **performance** trata de todas as atividades musicais, seus ensejos e suas funções dentro de uma comunidade ou grupo social maior, adotando uma perspectiva processual do acontecimento cultural”. (PINTO, 2001: 227-228).

Entretanto, pretendemos também dedicar parte desta pesquisa a estudos exploratórios (experimentos) das possibilidades técnicas do instrumento, elaborando um material com informações técnicas acompanhado de um CD áudio ilustrativo (com exemplos), contribuindo assim para a divulgação da viola branca dentro e fora do meio acadêmico. Pretendemos experimentar essas novas possibilidades técnicas, baseando-se na técnica violonística e de viola caipira, esta última a partir de trabalhos editados por Roberto Corrêa. Portanto, a estratégia de dominar esse saber será pelo processo da prática de execução do instrumento e um trabalho experimental com o mesmo de modo comparativo, principalmente com a tradição da viola caipira (referência mais próxima do nosso ponto de vista).

O tema tem sido pouco explorado em trabalhos científicos, principalmente no que diz respeito aos aspectos etnomusicológicos. Temos consciência da complexidade e amplitude deste trabalho e por esta razão, em função do período disponível para sua realização, preferimos nos deter neste momento (do mestrado) mais a uma etnomusicografia da viola branca e sua inserção sócio-cultural nas localidades em questão.

Referências bibliográficas:

- ARAÚJO, Alceu Maynard. Folclore Nacional: Dança, recreação e música. V2, 2ªed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- BITTAR, Nazir. A Pluralidade do Fandango: Dança, Teatro e Baile. In: BRITO, Maria de Lourdes da Silva (org) et al. Fandango de Mutirão. Curitiba: Editora Gráfica Meleart, 2003. p.15-19.
- BRITO, Maria de Lourdes da Silva (org) et al. Fandango de Mutirão. Curitiba: Editora Gráfica Meleart, 2003.
- CORRÊA, Roberto Nunes. A arte de pontear viola. Brasília/ Curitiba: Ed. do Autor, 2000.

_____. Funções Populares. In: MARCHI, Lia, SAENGER, Juliana, CORRÊA, Roberto. Tocadores: homem, terra, música e cordas. Curitiba: Palloti, 2002. Música e Cordas, p.104-111.

_____. Viola Caipira. Brasília: Viola Corrêa Produções Artísticas, 1989.

MACEDO, Toninho. Um Mundo de Violas e Rabecas. Boletim da Comissão Estadual de Folclore – Governo do Estado de São Paulo, nº1 – Outubro de 1997, em “Cultura Caiçara”.

MARCHI, Lia, SAENGER, Juliana, CORRÊA, Roberto. Tocadores: homem, terra, música e cordas. Curitiba: Palloti, 2002.

SETTI, Kilza. Ubatuba: Nos cantos das praias - Estudo do Caiçara Paulista e de sua Produção Musical. São Paulo: Ática, 1985.

THE METROPOLITAN MUSEUM, MUSEO MUNICIPAL DE MADRID. La Guitarra Española (The Spanish Guitarr). Madrid: Opera Tres, 1993.

DIAS, Susana. Escola da Juréia propõe convivência entre a mata e a comunidade local. Cienc. Cult. [online]. Julio/Set. 2003, vol.55, nº3 [citado 04 Abril 2005], p.12-13. Disponível na World Wide Web:

<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252003000300008&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0009-6725.

PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música. Questões de uma antropologia sonora. Rev. Antropol. [online]. 2001, vol.44, nº1 [citado 03 Abril 2005], p.222-286. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000100007&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0034-7701.

NUNES, Márcia. Do passado ao futuro dos moradores tradicionais da estação Ecológica Juréia-Itatins/SP. Dissertação (Mestrado em Geografia Física) – Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: 2003. 168p.